

Tisha b'Av

O Movimento Massorti, representado por Noam, Marom, Mercaz e Masorti AmLat, convida à reflexão sobre as diversas tragédias do nosso povo, com o lema fundamental de LEMBRAR.

Tishá B'Av, ou um povo que tudo lembra

O “problema judaico,” parafraseando Hertzl, é que lembramos tudo o que aconteceu, cada detalhe, cada nome, cada dia. Podemos ficar muito orgulhosos por termos um texto sagrado que relata nossa história como povo, com seus acertos e com seus erros. Não temos, nem nossos sábios tiveram, nenhum inconveniente em escrever nesses textos o melhor de Israel e tampouco o pior. Parece ser que, contrapondo a história das demais nações, contrapondo a história do mundo, o único povo que lembra tudo é o judeu. Talvez por isso a história nos machuque mais.

Diante de um mundo que sofre de Alzheimer avançado, a memória coletiva judaica se transforma em um poderoso disco rígido, impossível de ser prejudicado ou infetado com o terrível vírus “Olvidus,” que assola outras nações, outros povos e tradições religiosas.

Por que recordar a destruição dos dois Templos Sagrados, destruídos há mais de 2000 anos? Talvez porque a essas destruições somaram-se outras destruições que, através da história transformaram este dia, melhor ainda, esta “época” em um período especialmente triste e profundamente característico. Uma época de recordar, que nos transformou a todos nós, judeus, de geração em geração, que nos fez sentir na alma que somos parte de um mesmo povo e de uma mesma história.

Como escreve Iosef Ierushalmi, em sua obra Zachor: *“a memória é sempre problemática, porque é uma de nossas faculdades mais frágeis e volúveis. É uma experiência comum que o que se recorda nem sempre está registrado, e, infelizmente, muito do que está registrado não é recordado. O verbo Zachor (recorda) aparece no texto bíblico nada menos do que sento e sessenta e nove vezes, geralmente com Deus e com Israel como sujeito, porque a memória é responsabilidade dos dois. O verbo se complementa com seu oposto, esquecer. Assim como se obriga que Israel recorde, Ihe é obrigado não esquecer.”*

Na tradição judaica, cada época de reunião, cada fes-

tividade é um convite à recordação, a que não se esqueça o que aconteceu no passado e, mais importante ainda, a que não esqueçamos como aconteceu. Por isso pegamos o Livro das Lamentações, do profeta Irmiahu (Jeremias) e nos perguntamos junto com ele: Eichá, como, por que aconteceu o que aconteceu. Essa é a pergunta que vem ao mundo entre os escombros de um templo destruído, mas que tem mantido há mais de 2000 um de seus muros de pé, expressando uma mensagem que estamos vivos, quer queiram ou não todos aqueles que se dispuseram a destruí-lo e destruir-nos.

A pergunta que o profeta se faz ao escrever Eichá (como), não pede que se conheça o mecanismo do desastre, escreve o Rabino Adin Steinsaltz, como aconteceu ou por que aconteceu. Esta pergunta não tem como objetivo conhecer os motivos políticos ou históricos da destruição. É uma pergunta dirigida às profundezas da alma judia, é uma pergunta que nos fazemos agora, em cada momento presente, e que atravessa todas as gerações, Eichá. Como e por que se pôde chegar a uma situação assim?

Tishá Be Av nos confronta com uma época em que a tristeza e a dor tomam forma em nossos rituais e em nossas tefilot. Três semanas de luto, que começam com jejum e terminam com jejum, três semanas que nos conduzem por um caminho estreito, de Zachor e de Eichá, de lembranças e de perguntas.

Cada vez que o povo se reúne, a memória da nação se renova e se recarrega anualmente, escreve de forma clara e contundente Ierushalmi, *assim então se sustenta a esperança coletiva.*

Bebrachá,

Rabbi Pablo Berman
Comunidade Israelita do Paraná
Curitiba, Brasil



With support of the WZO.